

29º CONGRESSO TRADICIONALISTA A SE REALIZAR
DE 5 A 8 DE JANEIRO DE 1984 EM ITAQUI - RS

A MULHER RIO-GRANDENSE VISTA ATRAVÉS DA LI-
TERATURA POPULAR; UM ESTUDO DO ADAGIÁRIO E
QUADRINHAS GAUCHESCAS

Profa. Wilda Maria Poggiani Stein
(Professora Universitária)

Janneiro/84

A presente obra trata-se de constituir um estudo crítico do sentimento do gênero em relação à mulher, visto através da psicologia e da quadrilha gauchescas.

Inicialmente, teceremos algumas considerações sobre mulheres rio-grandeses do Rio, no passado, tiveram participação em uma sociedade por nome de "os homens" para então passar ao estudo da literatura popular.

Uma vez realizada essa análise, chegaremos à conclusão de que significa o "discurso gauchesco", representado por essas manifestações de cultura popular.

As citações dos autores consultados são transcritas como no original, conservando, inclusive, a grafia do época.

Partemos, então, aos fatos.

Em 1897, na cidade do Rio Grande, no Estado do Rio Grande do Sul, uma mulher, ANDRADINA DE OLIVEIRA, publicou seu primeiro livro de contos, intitulado Excludendo. Anos mais tarde, em Bagé, fundou o Escrínio, periódico literário consagrado à defesa dos direitos femininos.

A referida escritora publicou também, em 1907, uma obra cujo título é A mulher rio-grandense; escrituras e cartas, onde traça pequenas biografias de mulheres que se destacaram nas letras e que diz no prefácio: "Em pouco mais ou pouco não tem escrito sobre as mulheres que - e não são poucas! - têm saído da linha vulgar." (Andradina de Oliveira, 1907)

Mais adiante, depois de esboçar as qualidades físicas e psicológicas da mulher, relembra a autora:

"Bella, forte, intelligente, entusiastica, comparativa e bõa, ella hoje, sob o influxo benéfico do feminismo (o grifo é nosso) começa a se dedicar na esphera da actividade social. É no jornalismo, e no magisterio, e no commercio, e no fôro, e no telegrapho, e no telephono, e no marteiro, e nas sciencias, ella vai buscando, muito dignificadora - mente, a independencia moral no fructo do trabalho honesto, encorajada na luta pelo pão... Nos bancos das nossas academias vão surgindo formosas cabeças femininas avidas de luz! É que a hostilidade dos preconceitos ridiculos está, aqui, se desvanecendo. A mulher rio-grandense procura quebrar as algemas do convencionalismo desta educação retrograda, oriunda de um convencionalismo primitivo. A guerra de reconstrução

do sexo appellidado fraco já appare no horizonte! Brilhantissimo papel está, pois, destinado ao formosa filha do pujante Rio Grande do Sul." (Andradina de Oliveira, 1907)

Arrola a autora mais de uma dezena de nomes de mulheres ilustrar entre as quais destacaremos:

1. DELPHINA BENIGNA DA CUNHA

Nasceu em São José do Norte em 17 de junho de 1791, desde os vinte meses de idade, acometida de varíola, ficou cega. No entanto, comenta a autora: "Intelligencia pujante, uma vez da luz ausentada os seus bellos olhos, Delphina soube crear um mundo subjectivo, visão interior, cuja intensidade levou-a a procurar na poesia summissimo consolo á sua enorme tristeza." (Andradina de Oliveira, 1907)

Foi cognominada de a "Musa Cega". Tendo perdido seus pais, escreveu um soneto ao monarca, D. Pedro I, solicitando-lhe proteção. O imperador mandou-lhe dar uma pensão vitalícia.

Em 1835 essa poetisa fixa residência no Rio de Janeiro, onde teve oportunidade de conviver em uma seleta roda intellectual. Conviveu lá com Antônio Polliciano de Castilho que se encantou com o talento e a vivacidade da poetisa rio-grandense.

Faleceu no Rio de Janeiro em 13 de abril de 1857.

Deixou as seguintes obras: Poesias, oferecido ás senhoras rio-grandenses em 1834; Poesias, oferecido ás senhoras brasileiras, duas edições em 1838; Colecção de vários poetas dedicadas á Imperatriz viúva, em 1846.

Posteriormente escreveu belas e inúmeros versos estampados em diversas publicações daquela época, traço esse, o Floriário da Infância, Selecta Brasileira e Parnazo Brasileiro.

2. MARIA JOSEPHA BARRETO

Nasceu em Vianna. Era uma admirável repentinista. Os contemporâneos de Maria Josepha Barreto apreciavam entusiasmamente e admiravam-lhe a graça viva e do seu estilo de repentinista.

Escreveu os Relatos Dramaticos e grande número de poesias no livro Fora Publicação e homenagem da filha do Rio Grande do Sul.

gura no volumoso Diccionario Bibliographico do Dr. Sacramento Wille.

3. REVOCATA DOS PASSOS FIQUEIROA E WILLO

Nascida em Rio Grande. Mãe de notáveis poetas e prosadores rio-grandenses, Revocata Heloisa de Willo e Julita de Willo Monteiro.

Segundo Andrada de Oliveira: "Foi um senhora de extraordinária educação, muito talentosa e illustrada. Occupou tal posição de virtudes e fortes intellectualmente, e influencia pacifica na sociedade em que conviveu."

Dividia com igual sollicitude o pocio e a lãra entre os deveres de esposa e mãe e as lidas estheticas do "literario". Ainda de acordo com Andrada "Seu esposo, João Correa de Willo, conhecido negociante na cidade de Rio Grande, além de generoso e bom, orgulhava-se dos predicados poeticos de tão inspirada escriptora que o Teretino lhe dá para companheira gentil da existencia feliz e pacifica casa."

Ainda bastante moço, Revocata dos Passos Viqueiro e Willo faleceu, sendo seu desaparecimento instantaneamente sentido no seu círculo de amizades bem como no meio literário rio-grandense.

4. CLARINDA DA COSTA FIQUEIROA

Nasceu em Rio Grande em 26 de dezembro de 1813. Viveu grande parte de sua vida em Pelotas. Para "Andrada", "A fé e o patriotismo inspirar em terna e talentosa escriptora avarizadora e ardentes cantos que os gazetes e revistas de aquella época transcreviam com orgulho e gabar esultante. E por sua, dia e fio, avolumava-se a reputação de poezia."

Seu poema "Soneto ao glorioso poeta brasileiro" foi publicado sob o título: Poesia de Cl. de Willo.

5. RITA BARTHOLOMEU

Nasceu em 30 de abril de 1840 em Santa Maria, Rio Grande do Sul. "Rita", conhecida sob o pseudônimo de Rita de Willo.

Segundo João de Willo, Rita de Willo foi uma das mais brilhantes e mais cultas da literatura brasileira.

Seu poema "Soneto ao glorioso poeta brasileiro" foi publicado sob o título: Poesia de Rita de Willo.

6. LUCIANA DE ABREU

Nasceu em Porto Alegre em 11 de julho de 1847.

De acordo com Andradina, "A 11 de julho de 1847, noite de inverno, em que os elementos, em furia, afugentavam as estrelas, tilintou, nervosamente, a sineta do Rosa dos Ventos da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre."

Foi recolhida como enjeitada, Luciana de Abreu.

Teve por família na honrada guarda-livros da casa comercial de Iório & Irmão da cidade de Porto Alegre, o Sr. Carlos Vermeiro Vianna.

Cedo Luciana revelou irresistível vocação para o estudo, para as letras. Costava muito de ler e, um dia, trapeou um plano de um romance. As amigas, cheias de inveja, apelidaram-na de "romancista". Casou-se e teve uma filha.

Foi a partir do nascimento da sua filha que Luciana, pela própria condição de enjeitada, passou a se preocupar com a felicidade da mulher.

Surgiu-lhe, então, a idéia, segundo Andradina, de:

"Trabalhar pela felicidade da mulher! Pedir para ella o pão do espirito, a instrução; a luz da alma, a educação; a liberdade dignificadora, o trabalho! Pedir a reforma das leis em seu favor! Restituil-a ao seu verdadeiro lugar. Isto em 1847... Os preconceitos eram circulos de ferro. Campeava ainda a escravidão de raça. E as pobres mulheres, em maioria, constrangidas a soffocar os mais elevados sentimentos, representando, muitas vezes, o ridiculo papel de objeto de luxo, animal procreador ou ser inferior, sob o jugo de tal entendida prepotencia paterna, á mercê do egoismo brutal de maridos ignorantes e sem educação, envoltas na treva da mais densa ignorancia eram tão escravas como os negros infelizes que a nobreza fôra arrastar do solo patrio para arrancar-lhe dos braços o filho querido e transformal-o em moedas d'ouro para enlugar cofres!" (Andradina de Oliveira, 1907)

Luciana foi a primeira aluna a se matricular na Escola Normal do Estado. Afrontando a censura de muitos galegos, criou, coordenou e melhorou a educação das meninas, e foi a primeira professora da escola Normal de Porto Alegre.

Depois disso, em 1850, foi a primeira professora da Escola Normal de Porto Alegre.

tério público daquele tempo.

Luciana de Abreu foi a primeira mulher a ocupar a tribuna do Partenon Literário, a mais importante sociedade de letras que existiu no Rio Grande do Sul.

Mas o que queria esta mulher?

Quería a justiça para o seu sexo.

O seu espólio literário é todo de propaganda feminista.

Luciana lançou a semente e essa germinou.

Ainda falando em mulheres professoras, transcreveremos um trecho de Archymedes Fortini em Revivendo o Passado:

"Sob dolorosa impressão, recebemos a notícia do falecimento do professor Saturnino Moreira Alves, ocorrido há poucos dias no município de Gravataí. Esta secção, que sempre dele recebeu profícua colaboração, rende-lhe as devidas homenagens. O município de Gravataí não só perdeu um de seus mais entusiastas servidores, como o ensino e um educador que tudo fez em benefício da nossa sociedade e o Rio Grande do Sul um apaixonado da sua história e da sua gente."

E, a seguir, transcreve uma carta que Saturnino Moreira Alves enviou ao jornalista com um trabalho seu sobre Tramandá.

Entre outros assuntos, destacamos o seguinte trecho:

"A primeira sala pública, criada em Tramandá, foi instalada em maio de 1891, sendo nomeada para regê-la a professora e minha finada progenitora MARIA CUSTODIA FORNARI, percebendo os vencimentos e gratificações anuais de 330 mil réis e cujas férias começaram-se de 8 de dezembro a 6 de janeiro (no monte 30 dias). A referida professora exerceu essas funções até abril de 1896, quando foi transferida, a pedido, para a Colônia Marquês do Herval (Paraná do Sul), também lá distribuída a concessão de Arrol, sendo a primeira sala instalada naquela núcleo colonial de origem italiana, e assim substituída."

(Archymedes Fortini, 1941)

prender a ler, escrever e contar; a 2- , para coser singelo; e a 3- , de bordar e outras atividades."

(Archimedes Martini, 1953)

Cecília Jacques, em Aspectos do Rio Grande do Sul, referindo-se ao resultado do cruzamento de azerianos, paulistas, espanhóis e indígenas e o contato dos dois povos, sul-rio-grandenses e platino, diz que estes "deram à mulher sul-rio-grandense a beleza e a graça da andaluz, a inteligência da francesa e um coração que encerra os grandes sentimentos de humanidade, o amor da segurança e da digna submissão (o grifo é nosso) ao homem."

E acrescenta: "Nestas condições, em regra, ela se torna, felizmente, surda às doutrinas enfraquecidas que pretendem arrastar a mulher do digno papel de esposa, mãe e irrequieta, em uma palavra, de formar cidadãos e mantê-la firme no lar doméstico, para felicidade de todos os membros, na posição de fiel e sublimada mãe de família e de inspiradora da moralidade da família." (Cecília Jacques, 1913)

Alfredo Júlio de Lima, Relatório da Comissão de Estudos da Mulher no Brasil afirma que a mulher, por ser amante da beleza e do luxo, ligada ao mundo da moda, é a responsável por manter a vida social, a vida cultural, a vida econômica do país. Ela é a responsável por manter a vida social, a vida cultural, a vida econômica do país. Ela é a responsável por manter a vida social, a vida cultural, a vida econômica do país.

Alfredo Júlio de Lima, Relatório da Comissão de Estudos da Mulher no Brasil, afirma que a mulher, por ser amante da beleza e do luxo, ligada ao mundo da moda, é a responsável por manter a vida social, a vida cultural, a vida econômica do país. Ela é a responsável por manter a vida social, a vida cultural, a vida econômica do país. Ela é a responsável por manter a vida social, a vida cultural, a vida econômica do país.

Para o meu trabalho, a mulher é a responsável por manter a vida social, a vida cultural, a vida econômica do país. Ela é a responsável por manter a vida social, a vida cultural, a vida econômica do país.

Para o meu trabalho, a mulher é a responsável por manter a vida social, a vida cultural, a vida econômica do país. Ela é a responsável por manter a vida social, a vida cultural, a vida econômica do país. Ela é a responsável por manter a vida social, a vida cultural, a vida econômica do país.

Para o meu trabalho, a mulher é a responsável por manter a vida social, a vida cultural, a vida econômica do país. Ela é a responsável por manter a vida social, a vida cultural, a vida econômica do país.

Trabalha, trabalha, do teu lado, mulher, do teu lado, trabalha
Trabalha, trabalha, do teu lado, mulher, do teu lado, trabalha
Trabalha, trabalha, do teu lado, mulher, do teu lado, trabalha

Trabalha, trabalha, do teu lado, mulher, do teu lado, trabalha
Trabalha, trabalha, do teu lado, mulher, do teu lado, trabalha
Trabalha, trabalha, do teu lado, mulher, do teu lado, trabalha
Trabalha, trabalha, do teu lado, mulher, do teu lado, trabalha
Trabalha, trabalha, do teu lado, mulher, do teu lado, trabalha
Trabalha, trabalha, do teu lado, mulher, do teu lado, trabalha
Trabalha, trabalha, do teu lado, mulher, do teu lado, trabalha
Trabalha, trabalha, do teu lado, mulher, do teu lado, trabalha
Trabalha, trabalha, do teu lado, mulher, do teu lado, trabalha
Trabalha, trabalha, do teu lado, mulher, do teu lado, trabalha

Observemo, então, que a mulher tem o grão de mulher e
de fazer que a ela dêem respeito.

Augusto Meyer em Guia do folclorista brasileiro em relação ao
adágio diz que o grão de mulher é desconfinado e que em qualquer circunstância
faz com que ela seja se manifesta em relação à expressão
do amor:

- "Mulher e barro, pelo moio"
- "Amor de china, fogo em faxina"
- "Mulher, cachaca e bolacha em qualquer canto de casa"
- "Chininha que ao arado vai, filho com pai"
- "Órgão cantando sempre sob um retolhado"
- "Vaca de rodeio não tem touro certo" (Augusto Meyer, 1975)
- Quanto às quadrinhas que revelam o mesmo sentimento to-

mos:

- "Nunca vi mulher bonita
Nem casar na terra
Nunca vi mulher bonita
Nem casar na terra
Nem casar na terra
Nem casar na terra
Nem casar na terra
Nem casar na terra
Nem casar na terra
Nem casar na terra

1.º e 2.º de 1914:

- "A mulher e o grão"
- "Não se deixa enganar
A mulher e o grão
A mulher e o grão
A mulher e o grão
A mulher e o grão
A mulher e o grão
A mulher e o grão
A mulher e o grão
A mulher e o grão
A mulher e o grão

capítulo "Novas e antigas, as ruas"

- "Mulher e grão, o grão"

1.º e 2.º de 1914: Guia do folclorista brasileiro em relação ao
adágio diz que o grão de mulher é desconfinado e que em qualquer circunstância
faz com que ela seja se manifesta em relação à expressão
do amor:

- "Mulher e grão, o grão"

- Depois de dizer, não nego! -
relatando amor do meu gosto,
Porra nego e não me entrego!"

"No darrão em que se veja
Já meus olhos não se alcançam:
Beneba, preda, merida:
De minde, abra, abra, abra!"

"Volto à cancha dos amores
À cancha do meu viver
Que só lá posso chibaria
Estar com meu bem querer"

A coleção mais completa de quadras encontra-se em Augusto Meyer em Cancioneiro gaúcho e foi a ele que recorremos para fazer os seguintes comentários:

• Como o gaúcho dá muito valor ao cabelo, de vestir, mais até do que à mulher, expressa esse sentimento do modo seguinte:

"Guilhermar que me deixando
Tu por ti deixas só;
Muito feio é o carequeirito
que tem um cabelo só."

"Muito velho, tive bon-gosto,
Marra grande Deus Guilhermar!
Dime poder levo cabelo:
Cabelo tem a mulher"

"Cumprio a tua preceção
Da todo este rincão,
Relinquendo os cabelos
Dando prazer ao cabelo"

• Já para falar em relação de amor próprio não se pode esquecer o "carrão" como elemento de comparação:

"Dizem que o meu carrão
As nádegas do carrão;
Este sobre tanto terra,
Ar nádegas loizando v'ra"

• E para dizer das mulheres, os cantos do povo, do Miller

amada o gaúcho usa:

"Felinchando de saudade,
Tão longe do meu rincão,
Sou matungo estropado
Eu, que já fui redomão"

"Quando vêm a garça branca
Pelo ar ir avoando,
Isto são cidades minhas,
Que lho vão acompanhando."

. Como o gaúcho se considera o "monarca dos pampas", para expressar esse sentimento diz:

"Quem é gaúcho de lei
E bom guasca de verdade,
Assa acima de tudo,
O bom sol da liberdade"

"Quando ato a cola do pinga
E ponho o chapéu de lado,
E boto o laço nos tentos
For feur que sou respeit-do!"

"Não tenho mancha nem medo,
Não temo inverno ou verão;
Meu culto é o dar raparigas
E do mate chimarrão"

. Ao falar dele mesmo e de suas "qualidades" usa seguintes quadrinhas:

"Um beijo quando é bem dado,
Daqueles que eu dava e dou,
Faz uma amante dizer:
- Não outro, que erre meu nome "

" Menino, case comigo,
Que bom marido lho vi;
Foguetista, jogador,
Faz feur, anda sem medo"

. E quanto à viola, instrumento do qual não se separa, diz:

" O tocador de viola
Merecia um bom encosto;
Uma galinha bem gorda,
E uma china do seu gosto"

. Como tem lá seus "fracos" por uma caminha, assim se expressa:

" Senhora dona da casa
Estou com a voz mui rouca;
Quando me dar um traguinho
Apenas pra fazer boca"

. E depois de um mate chimarrão ou de uma cachacinha, nada melhor do que o fumo, onde encontramos:

"Quem me dera ser o fumo,
Depois do fumo, fumaça,
Para te dar mil boquinhos,
Boquinha de tanta graça"

. Como anda o gaúcho em constante contato com a natureza, assim se expressa:

"Os campos verdes se alegam
Quando vêem o sol nascer;
Assim se alegam meus olhos
Quando te chegam a ver"

" Puc-me a contar as estrelas,
Só a boieira deixei;
Por ser a mais luminosa,
Contigo eu a comparei"

. Falando em mulher, o gaúcho assim se revela:

" Eu sou aquele lauto,
Do mundo bem conhecido,
Que tirou uma madama
Dos braços dum presumido"

"A minha china é morena,
Mais morena que tu minto,
E praigo te des-encurto,
Olho de preto indolente"

. E para tratar de dominação, arte na qual ele é mestre, nada melhor do que dizer:

" Andas vestido de branco,
Em trajes de castelhana
Ou tu há de ser só minha
Ou minha espada te engano."

. E como não se fixa a lugar nenhum, cobra da mulher o que ele não faz. Senão, vejamos. Nas suas andanças, quando se refere à toponímia (nomes de lugar) logo os associa à mulher como em:

" Dormindo estava sonhando
Que estava na Vacaria;
Acordei e bebei-me prado
Nos braços de Ana Maria"

" As moças de Cachoeira
São bonitas, que eu bem vi
Estavam lavando roupa
No parre do Jacuí"

"Agora me estou lembrando
Dos pinguos de Jaguarão;
Amores que foram meus,
Agora de quem serão?"

"Ó dona, se eu lhe contasse,
Você diria que eu minto:
As moças do Livramento
Usam pistola no cinto!"

" Em São Borja e São Vicente,
Pra casar não se demora,
Que as moças lá sabem se por
Cortar o gume, de apanha!"

"Eu já passava de largo
Pra Borja e para Uruguaiana,
Irá não demora a ficar magra
O meu corpo só é de canoa."

"Quem foi que disse, não sei,
Mas quem disse não mentiu:
As moças de São Gabriel
Nunca nunca resistiu."

"Lá na terra de Palotas,
As moças vivem fechadas;
De dia fazem biscoitos,
De noite ronham calçados"

"Neste São José do Norte
Brotam moças nas arcadas;
Vivendo perto da praia,
Enganam como as arcadas"

"Mar requinha da lagoa,
Baturi do Barro Fundo,
Como querer que eu te ame,
Se tu és de todo o mundo?"

"Eu não sei quem foi que disse,
Mas quem disse não mentiu
Que as moças de Porto Alegre
Nunca ninguém resistiu"

Para concluir, faremos as seguintes considerações de relação ao exposto.

O gaúcho em seu adjectivo é em sua pessoa:

- 1º) não revela lamentos;
- 2º) tem íntima relação com a natureza;
- 3º) coloca, às vezes, o pulker ao lado inferior do "vado";
- 4º) não se agarra à vida, orgulha;
- 5º) é dominador no amor;
- 6º) jamais suplica, quase sempre, conta prazeres;
- 7º) não se deixa humilhar.

Talvez estas palavras expliquem o tratamento de amor do gaúcho ao pulker. Mas a realidade, aliás, a "vida" do gaúcho é a carreira do pulker, e a "vida" do pulker é a carreira do gaúcho.

"Desfaleço-me a dor de não saber quem é o homem
e o que é, portanto:

"O nego do chifre grande,
Vende-vos, para onde vais?
Isso é bem que se lhe deu,
Ou herança do seu pai?"

O nego respondeu logo:

"Isso é bem que Deus me deu,
Herança do meu pai;
E um chifre do seu marido,
Que, de casamento, se casou."
(Silêncio. Logo depois, segue)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. POSTUMI, Archimedes. Revivendo o passado. Porto Alegre, Sulina, 1953.
2. JACQUES, João Corimbro. Assuntos do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Oficinas Gráficas da Escola de Engenharia, 1912.
3. JÚLIO, Sílvio. Literatura, Folclore e Linguística da fronteira gaúcha no Brasil. Rio de Janeiro, J. Coelho Branco & Cia., 1962.
4. LUYER, Augusto. Canoeiros gaúchos. Porto Alegre, Globo, 1952.
5. _____. Guia do folclore gaúcho. 2.ed. Rio de Janeiro, Brasens, 1975.
6. OLIVEIRA, Andradina de. A mulher rio-grandense; escriptores mortos. Porto Alegre, Oficinas Gráficas da Livraria Americana, 1907.
7. SINGER LONTE NETO, J. Canoeiros gaúchos. Porto Alegre, Globo, 1954.

Porto Alegre, 4 de janeiro de 1984.

Elida Maria F. Stein
ELIDA MARIA FOGAÇA STEIN